

## TEORIA E(M) PROCESSO: APONTAMENTOS SOBRE A PRODUÇÃO DE UMA FICÇÃO ESPECULATIVA\*

Tiago Horácio LOTT<sup>√</sup>  
Alexandre Graça FARIA<sup>√√</sup>

### RESUMO

O presente trabalho intenta mostrar o processo de construção de um romance-tese: uma obra ficcional que dialogue tanto com o público acadêmico, habituado a um certo tipo de formato de texto, quanto com um público mais amplo, para quem a ficção vem em primeiro lugar. Este texto é um recorte da pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora. Trata-se de um projeto incluído na recente linha de pesquisa *Escrita Criativa*, a partir da qual pensamos uma teoria construída por meio do gênero ficção especulativa. Tentamos mostrar aqui como o diálogo orientador-orientando é (ou pode ser) concebido, com o intuito de se produzir um texto que atenda a expectativas extra ficcionais e extra acadêmicas, ou seja, possa ser lido tanto como um romance, quanto como uma tese, sem se tornar um *conventio ad excludendum*, isto é, sem engendrar hermetismos que privem a interlocução entre o acadêmico e o não-acadêmico.

Palavras-chave: Teoria literária. Ficção especulativa. Paleoantropologia. Escrita criativa. Performance.

---

\* Artigo recebido em 27/09/2020 e aprovado em 27/11/2020.

<sup>√</sup> Doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Docente de Língua Inglesa no Colégio Militar de Juiz de Fora (CMJF). E-mail: <tiagohlott@gmail.com>

<sup>√√</sup> Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professor associado da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: <alexandre.faria@letras.ufjf.br>

## 1 INTRODUÇÃO

“Those who deny the existence of dragons are often eaten by dragons.  
From within.”

Ursula K. Le Guin

As diferenças entre indivíduos da nossa espécie têm servido, ao longo da história, como justificativa cada vez menos convincente, para negar a humanidade a distintos grupos humanos ou para hierarquizá-los.. Diferenciações físicas, sociais e culturais, em maior ou menor grau, foram histórica e ideologicamente manipuladas para que grupos inteiros fossem assimilados, estigmatizados, marginalizados ou exterminados. Um exercício especulativo interessante seria pensar como, há centenas de milhares de anos, o homo sapiens ainda compartilhava a terra com outros homínídeos (GIBBONS, 2002). Se hoje, pequenas distinções fenotípicas da mesma espécie já são se tornam motivos de conflitos, um mundo onde outras espécies de humanos ainda existissem, dividindo conosco os mesmos espaços, seria, particularmente, problemático e interessante.

Um romance que explore esses cenários, criando uma ficção especulativa paleontológica, parece-nos um trabalho importante, não só por poder apresentar – e representar – distintas e variadas relações (centro/margem, eu/outro, igualdade/diferença), mas também por poder focar a tensão entre tempo, espaço e identidade, criando, na própria obra, um lugar potente de discussão para tais questões.

No dia 22 de agosto de 2018, a revista *Nature* publicou um artigo que relata o primeiro caso documentado de análise genômica de um fóssil híbrido entre duas espécies de homínídeos: Neandertal e Denisovano (SLON et al., 2018). Ainda que contingente, o enredo desse romance ganharia vigor se girasse em torno de um protagonista híbrido (KUHLWILM et al., 2016), meio Sapiens, meio Neandertal. Seu duplo pertencimento (ou seu não-pertencimento), suas características físicas (pensadas, até aqui, como o Cheddar Man<sup>1</sup>, recente reconstrução de um Sapiens

<sup>1</sup> Informações interessantes acerca desse achado e de como os europeus desenvolveram pele branca podem ser encontradas, respectivamente, em <http://www.sciencemag.org/news/2018/02/scientists-get-their-first-look-cheddar-man-one-england-s-oldest-modern-humans> e <http://www.sciencemag.org/news/2015/04/how-europeans-evolved-white-skin>, ambas acessadas em 06/09/2018.

que viveu há mais de 10.000 anos, com pele negra e olhos claros), e sua luta pela sobrevivência, contra um sistema totalitário (uma possível aliança entre Sapiens, Neandertais e outros hominídeos) já constituem ponto de partida para diversas discussões que abarcam o universo intra e extra ficcional.

Entretanto, como justificar tal trabalho dentro do espírito científico da pesquisa acadêmica? É verdade que esse tipo de dinâmica (tese-ficção) existe há algum tempo no Brasil, haja vista a produção de trabalhos como *A Chave da Casa* (2007), de Tatiana Salem Levy, que foi tese de doutoramento antes de se tornar livro publicável e vendável, além daquele que é considerado o caso pioneiro no país, *Variante Gotemburgo*<sup>2</sup> (1977), de Esdras do Nascimento, publicado pela editora Nórdica. Alguns outros casos que ilustram essa situação, em maior ou menor grau, são *Rakushisha*, de Adriana Lisboa, publicado pela editora Rocco; *Banalogias*, de Francisco Bosco, editado pela Objetiva; *Histórias de Literatura e Cegueira* (Record), de Julián Fuks e *O romance do horto*, de Antonio Marcos Gonçalves Pimentel, editado pela Annablume. O limitado elenco de exemplos evidencia um *déficit* curricular dos programas das Faculdades de Letras, nos quais os estudos de literatura desenvolvem-se por meio da pesquisa acadêmica ou científica nas esferas da teoria, da história e da crítica. O escritor é um estranho-familiar na formação em Letras. Essa estranheza desdobra-se de mitos que precisam ser preliminarmente enfrentados. Utiliza-se aqui o conceito de mito tanto no sentido fantasioso, falacioso, decorrente de má fé e desconhecimento das leis científicas e naturais quanto sentido de narrativas dinâmicas de imagens e símbolos que articulam o passado (*arkhé*). São compreensões diferentes, mas ambas potentes na discussão sobre a criação literária, se aventarmos a hipótese de que o conceito teórico pode se articular com o senso comum. O primeiro é o de que o escritor contemporâneo advém prioritariamente das áreas de formação diferentes da de Letras. Este resulta em dois outros: o de que o aprofundamento nas teorias e na crítica literárias afasta o

---

<sup>2</sup> Na orelha da primeira edição, lê-se: “Com este romance, acrescido de uma nota teórica para os interessados em aprofundar seus estudos literários, o escritor Esdras do Nascimento obteve o título de Doutor em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É a primeira vez no Brasil, e talvez no mundo, que isso ocorre, pois em geral as teses visando ao doutoramento se limitam ao campo teórico, tangenciando, quando muito, a área da criação. Graças à largueza de visão da banca examinadora, formada pelos professores Afrânio Coutinho, Eduardo Portella, Emmanuel Carneiro Leão, Bela Josef e Mário Camarinha da Silva, o romance-tese foi aprovado, dadas as suas implicações teóricas explícitas, abrindo novas perspectivas aos trabalhos literários que se vierem a fazer, ao nível de pós-graduação, no país” (NASCIMENTO, 1977, primeira orelha, grifo nosso).

sujeito de sua vocação de escritor e o de que aquilo que realmente conta para a formação de um escritor é a experiência de vida, a inspiração, a vocação inata, que tais elementos não são da ordem da aprendizagem. Isso apenas reforça o mito do gênio romântico que acaba sendo mais um dos fatores responsáveis pela construção de percepções violentamente excludentes e discriminatórias da sociedade brasileira, pois tratam como naturais as capacidades que estão profundamente ligadas aos ambientes de socialização dos indivíduos, fato que, só pode ser transformado pela equidade econômica e de acesso a bens culturais, com a participação das instâncias públicas responsáveis pela formação do indivíduo, a escola e a universidade.

Sobre o primeiro ponto, a inserção acadêmica do escritor brasileiro contemporâneo, recente pesquisa quantitativa, realizada por Marcello Giovanni Pocai Stella, em tese defendida na USP, aponta que mais de 60% dos ficcionistas contemporâneos no Brasil, de um universo de 433 pesquisados, possui, pelo menos, formação superior (em torno de 30% graduação e 40% pós-graduação). Quando se observa esse conjunto de escritores por tipo de formação universitária, a esmagadora maioria concentra-se em Letras e Jornalismo. Em um universo de 354 autores, do qual 34% não indicam formação superior, 18,93% indicam Letras; 14,69%, Jornalismo; e, em terceiro lugar vem Direito com 5,08%.<sup>3</sup> Se parte significativa dos autores está nos cursos de Letras e, considerando que essa mudança corresponde a uma realidade do momento contemporâneo, é de se esperar que as faculdades de Letras no país reestruturem seus currículos para incluir essa formação específica. Já o segundo ponto da reflexão, obriga o orientador a privilegiar elementos da escrita individualmente, de forma aberta, sincrética, considerando o processo de criação não apenas uma operação retórica ou dissertativa, as para o qual concorrem forças como a subjetividade, a inventividade, a intuição.

Este artigo procura, a partir da autorreflexão sobre a prática da escrita ficcional e de sua orientação, experimentar o trabalho de articulação entre perspectivas teóricas e críticas e subjetivas e intuitivas, tanto no nível da criação

<sup>3</sup> Cf. STELLA, Marcello Giovanni Pocai. *Literatura como vocação: escritores brasileiros contemporâneos no pós-redemocratização*. Dissertação de Mestrado. USP, 2019. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-29032019-134526/pt-br.php>. Acessado em 06/06/2018.

quanto no da orientação, para o desenvolvimento da escrita ficcional. Portanto, para o presente trabalho, os autores, além de oferecerem essas considerações iniciais, procedem a inserção de notas marginais, no fim do texto, identificadas como T. H. L. (quando feitas por Tiago Horácio Lott, doutorando) e A. F. (quando feitas por Alexandre Faria, orientador), no que pretende ser a primeira versão do primeiro capítulo do romance especulativo idealizado acima. Tais notas pretendem explicitar alguns aspectos relacionados a fontes temáticas, referências pessoais, ponto de vista teórico, percepção crítica, em duas vozes distintas, a do autor e a do orientador, com suas respectivas tomadas de posição.

## 2 T. H. Lott

Para acessar e evidenciar elementos da subjetividade autoral, as palavras do escritor argentino Julio Cortázar (1993, p. 165) parecem, de alguma forma, justificar o ímpeto do autor – ainda que tardio – para a produção de tal obra:

Sempre serei como um menino para tantas coisas, mas um desses guris que desde o começo carregam consigo o adulto, de maneira que quando o monstinho chega verdadeiramente à idade do adulto ocorre que, por sua vez, carrega consigo o menino, e no meio do caminho se dá uma coexistência poucas vezes pacífica de pelo menos duas aberturas para o mundo.

O desenvolvimento de uma obra de ficção é tarefa que me acompanha e inquieta há muito tempo. Entretanto, o “adulto interior” sempre conseguiu postergar tal produção – a despeito dos protestos do “menino”. Agora, “no meio do caminho”, a possibilidade de se produzir uma tese de doutorado, lançando mão da Escrita Criativa, parece-me a oportunidade ideal para atender a essa coexistência. Intentarei, pois, produzir um romance que esteja em constante diálogo com a reflexão teórica (exigência acadêmica para a consecução do projeto), praticando-a *in loco*, articulada em uma prática e uma teoria internas: diluir a reflexão teórica dentro de uma narrativa sem descaracterizá-la seria, ao meu ver, um trabalho profícuo no sentido de estimular o leitor a reconhecê-la, compreendê-la e, ele próprio, construí-la de acordo com o que lhe vai sendo revelada por aquilo que Eco (2004, p. 34-35) denomina “[...] máquina preguiçosa que espera muita colaboração [...]”.

Pretendi, pois, apontar neste trabalho como a confluência de teorias contemporâneas podem contribuir para o fazer criativo. Mais ainda, meu romance – e minha pesquisa estética – não só busca fontes diversas, como a ciência, a ficção científica e a teoria da literatura, mas tenta manter um diálogo transdisciplinar constante, já que em alguma medida, teoria e prática, ficção e realidade se tocam nesse processo.

## 2.1 Alexandre Faria

Quando me disponho a orientar a criação de uma obra ficcional e colocá-la no mesmo lugar tradicionalmente ocupados pelas teses e dissertações indago-me sobre quais seriam as perdas e os ganhos de se tomar a ficção como lugar de produção de conhecimento teórico e crítico. Pretendo interferir menos na construção de um autor e mais no procedimento operacional de um crítico. O crítico hermeneuta transforma-se num crítico erótico. A produção de significados desdobra-se em produção de corpos nos corpos da língua e dos suportes. Rigor sem a rigidez das fórmulas e responsabilidade sem amarras dos comprometerimentos seriam a condição *sine qua non* para o trabalho da criação literária em regime acadêmico. Desejo sobretudo que o produto da pesquisa e do desenvolvimento do conhecimento na área dos estudos literários adquira um outro tipo de sociabilidade. A pesquisa estética resulta em trabalhos cuja maleabilidade rompe os círculos esotéricos da produção científica ou acadêmica. Para além da leitura por pares, leitores ímpares da sociedade podem ter a retribuição social do investimento público. A narrativa, o poema, o ensaio na heterogênesse preceptora do diálogo. Finalmente, pretendo interferir com minha orientação para que seja possível relativizar a autoridade e autoritarismo do discurso do especialista. A pesquisa vai ao encontro de estratégias para não ocupar o lugar do (autor) morto e dinamizar o ato da leitura. Não pode se tratar de uma formação puramente técnica para aparelhar o escritor profissional. A sociedade brasileira não permite formar escritores que não estejam engajados na formação de leitores.

Numa caverna na colina vivia um neandertal<sup>1</sup>. Meio, neandertal, na verdade. Ele era o que chamavam de híbrido ou mestiço. Seja lá qual nome usado, o fato era um só: sua mãe era uma neandertal e seu pai, diziam, um sapiens. Ele, no entanto, ainda estava longe de saber o que realmente era...

## Capítulo I – Caos<sup>ii</sup>

Uma ameaçadora cumulonimbus se avizinhava de Negara III<sup>iii</sup>, cidade que abrigava algumas das principais espécies humanas, como os sapiens, os neandertais e os denisovanos. Fogos de artifício riscavam o céu que agora já escurecia, e o barulho dos trovões e a luz dos relâmpagos competiam com o ribombar dos tambores e os flashes dos celulares, completando a composição de uma massa quase indistinta de seres em celebração, todos ansiando pelo cair das águas, na esperança de que essas aplacassem o calor daqueles últimos dias.

As ruas da cidade testemunhavam uma festa na qual centenas de milhares de humanos se encontravam para ouvir música, comer, beber, dançar e trocar afetos. A Tétrica<sup>iv</sup>, o festival que celebrava o fim e o início do ano, chegava ao seu auge: o momento em que a barca dos mortos adentrava os portões da cidade e várias pessoas mascaradas, entre elas atores e atrizes fantasiados, se juntavam aos que ali já estavam, em uma comemoração sem par.

Começava a chover.

O som das risadas, dos gritos e assovios ia se dissipando ao longo das ruas, deixando apenas uma trilha sonora composta por alguns poucos carros e uma música evanescente, que ia perdendo intensidade, altura e tom. Embora fosse feriado e o centro estivesse em festa, ao se afastar de toda aquela concentração, era possível perceber que algumas regiões estavam vazias, desertos em meio à aglomeração. Nessas áreas, mal se podia ouvir algo além da chuva caindo pesada na lataria dos carros e nas latas de lixo.

Em uma esquina não muito longe dali, Al'dradek<sup>v</sup> observava algumas pessoas correndo para encontrar abrigo da chuva. Ele esperava o momento certo para agir<sup>vi</sup>: acompanhado de mais dois membros da guilda, entraria em uma das filiais da Cosmo e garantiria que Fubi, o pequenino, fizesse o processo de exfiltração das informações pedidas. Depois disso, era sair, entregar o arquivo para o contato que faria a descryptografia dos dados e aguardar o pagamento.

Desde que se juntou à guilda, esse era o primeiro trabalho que Al'dradek faria dentro da região murada, e seu nervosismo se traduzia em um conjunto de

músculos retesados, um olhar absorto e as palmas das mãos molhadas de suor. Ele já havia subornado um dos guardas daquela noite, mas um furto na filial de uma das maiores corporações do mundo tinha lá seus riscos – e também sua dose de aventura e recompensa.

Embora não morasse exatamente dentro da região murada, Al'dradek trabalhava em uma das várias sucursais da Cosmo. Ele era responsável pelo controle de qualidade dos cosméticos de rejuvenescimento produzidos naquela instalação. Todos os dias, ele assistia passando em sua frente milhares de pequenos potes que, afirmavam as propagandas, faziam com que o processo de envelhecimento fosse retardado. Sua função primária era escolher alguns desses potes, dentro de determinado intervalo de tempo, enviá-los ao laboratório, receber a análise e verificar se estavam dentro do estipulado pelas diretrizes. Finalmente, fazia um relatório de conformidade e enviava ao seu superior imediato. Assim havia passado os últimos anos. O salário não era de todo ruim, mas com a constante automação das fábricas, sabia que não demoraria muito para ser despedido, afinal, quais eram as verdadeiras chances de ser promovido? Não tinha conhecimento suficiente para gerenciar, e suas habilidades sociais acabavam sempre ofuscadas pelo fato de que ele era um híbrido. As pessoas ao seu redor não manifestavam publicamente o desconforto, mas percebia que muitos olhares dirigidos a ele carregavam o peso de uma opinião formada há tempos – muito antes de ele mesmo ter nascido.

Embora a ideia de fazer trabalhos envolvendo incursões pelo território murado da Regência não agradasse, dessa vez o pagamento era considerável, o que fez Al'dradek pensar melhor e optar por colocar seu nome para votação entre os membros da guilda. Como ele era o único que trabalhava dentro da empresa-alvo, seu envolvimento na ação era imprescindível. Apesar da notável remuneração pelo trabalho, havia o possível acionamento dos marçais, os agentes da Regência, e qualquer um que já tivesse visto como eles agiam pensaria duas vezes antes de se arriscar.

A chuva perdia força agora.<sup>vii</sup>

Al'dradek caminhava ao encontro dos outros membros da guilda, que deveriam estar a alguns quarteirões dali. Engraçado como que, mesmo sendo um trajeto diário, várias coisas pareciam ganhar contornos novos. Por exemplo, de um



lado, câmeras e marçais em praticamente todas as esquinas vigiavam os transeuntes; do outro, as ruas esburacadas, sujas e sem sinalização adequada, mais que um signo da negligência, pareciam agora narrar a história de um estado abstrato e sua polícia concreta<sup>viii</sup>. Como andava de cabeça baixa por causa das câmeras, Al'dradek percebeu que a lua, surgindo por detrás das nuvens que iam se dissipando, era refletida na água empoçada em buracos no chão. “A lua da sarjeta”, como diria sua mãe em uma noite como essas. Percebeu também que se aproximava dele um magro vira-latas, com muito medo, com o rabo entre as patas. O cão se aproximou de uma dessas poças para beber a água suja que ali estava parada. Al'dradek abaixou e fez uma carícia no animal, sentindo por entre os dedos a pelagem rala e molhada, notando com detalhes suas costelas. Mas o carinho não demorou muito, pois o cão logo saiu correndo ao sentir que se aproximava dali um ônibus. Al'dradek recuou para a calçada e, enquanto aguardava o veículo passar, via seu reflexo ora visível, ora inexistente, por entre as várias janelas do coletivo articulado.

Ao atravessar a rua e caminhar por mais dois quarteirões, Al'dradek começou a encontrar novamente com várias pessoas que participavam da festa, muitas delas usando máscaras. Como algumas dessas pessoas estavam ali representando os passageiros da barca dos mortos – que havia chegado na cidade há pouco tempo –, percebeu que não tardaria para que outros grupos de foliões chegassem até àquela área, o que lhe rendeu uma preocupação: se uma multidão de pessoas passasse pela rua na hora em que eles estivessem invadindo o prédio, como fariam? Ou isso deveria ser visto como uma oportunidade em meio a toda aquela desordem, já que poderiam se misturar ao festejo tanto na entrada quanto na saída? Enquanto pensava numa resposta, avistou duas figuras familiares. Uma delas parecia uma criança, medindo pouco mais que um metro de altura e vestida de palhaço. Esse era Fubi, o floresiensis. A outra figura era pouca coisa menor que Al'dradek, e vestia uma roupa que lembrava aquelas usadas pelos combatentes – uma espécie de farda, só que com cores brancas mescladas à camuflagem. Era Irina, uma denisovana que, ao virar enquanto prendia o cabelo, percebeu a aproximação de Al'dradek.

— Vocês estão ridículos! — disse Al'dradek.

— Pelo menos eu posso tirar a fantasia. E você, que é assim sempre? — replicou Fubi.

Nesse momento, os três riram. Até Irina, que não era dada a distrações no trabalho, não se conteve e deu uma risadinha.

— Al, de onde você tirou esses óculos espelhados? — perguntou Irina.

— Na verdade, isso estava esquecido numa caixa lá em casa, junto com algumas outras bizarrices. Como eu não tive tempo de pensar em trajes tão belos quanto os de vocês, peguei as primeiras coisas que me ajudariam a esconder o rosto — respondeu Al'dradek.

Irina conferiu relógio, certificando-se de que o turno do guarda ainda não havia começado. Subitamente, agora ela estava com o olhar perdido, e o lapso de humor de segundos antes havia desaparecido, deixando um semblante preocupado, carregado, um misto de fadiga e tristeza.

— Temos todas as informações necessárias, não é? — perguntou Irina.

— A planta do prédio que o Al conseguiu, o pendrive com o Rubber Ducky, a distração voluntária do vigia corrupto; sim, acho que está tudo encaminhado — respondeu Fubi.

— Tava pensando, não vai demorar pra um bloco desses passar por aqui, o que acham de aproveitarmos o tumulto para entrar? — perguntou Al'dradek.

— Não sei, acho melhor entrarmos assim que o tal vigia assumir o turno. Já são quase sete, então ele já deve estar chegando. Quanto mais rápido e mais cedo fizermos tudo, melhor — respondeu Irina.

Al'dradek ensaiou uma réplica, mas foi silenciado por uma sucessão de explosões no céu. Durante a Tétrica, os fogos de artifício eram usados com muita frequência e, em geral, quando as explosões duravam muito tempo, significava que algum momento especial da festa estava começando.

Irina começou a caminhar para a frente do prédio. Diziam que quando os prédios da Cosmo foram construídos, eram totalmente de vidro na parte de fora, mas quando o sol batia nessa estrutura e refletia em alguma coisa, como carros, orlhões ou pessoas, queimava como as areias do deserto do norte. Ao meio-dia.<sup>ix</sup> Histórias a parte, o prédio, ainda que não totalmente de vidro – somente algumas faixas ao longo dos andares conservavam essa estrutura hialina –, ainda mantinha certo ar de imponência. Diziam, também, que o prédio da principal filial no

continente, que ficava no norte, quase dentro do deserto de Rajaz, era uma das obras mais magníficas feitas pela arquitetura até então. Toda essa suntuosidade fazia Irina se sentir muito incomodada.

Al'dradek, por sua vez, sentia o coração acelerando, mas pensava que aquele trabalho era uma chance ímpar de conseguir dar uma nova direção para sua vida. Se ao menos seu trabalho fosse mais estável e menos enfadonho, mas não. “O tédio é perigoso”, diria sua mãe, certa, mais uma vez. Fubi, por outro lado, não parecia estar tão preocupado com a incursão. Aliás, enquanto Al'dradek e Irina iam na frente, com passadas duras, quase calculadas, ele ia atrás, brincando com um cachorro<sup>x</sup> magro que aparecera por ali correndo e tremendo por causa dos fogos. Ele precisou parar um pouco para tentar acalmar o animal que, percebera só agora, tinha um olho castanho e outro azul.

— Anda, Fubi! Desse jeito não chegamos lá nunca — esbravejou Irina, que tinha o semblante cada vez mais carregado.

Os três chegaram em frente ao edifício. Usariam a entrada de carga e descarga, na parte lateral do prédio, que dava para uma rua um pouco menos movimentada. Ali também estava a guarita oeste – com o vigia devidamente posicionado e ciente da entrada do trio – e, um pouco mais a frente, a subestação de energia, que seria desativada e, de acordo com o protocolo padrão, eles teriam aproximadamente vinte e cinco minutos até que o sistema elétrico fosse reestabelecido. Como toda grande instalação moderna, havia um gerador que manteria os sistemas mais básicos funcionando, como os computadores da central de processamento, luzes de emergência e as câmeras dos setores críticos.

Fubi entrou primeiro. O portão da entrada de caminhões estava pouca coisa acima do chão, espaço suficiente para um ser daquele tamanho entrar. Enquanto isso, Al'dradek e Irina aguardavam do outro lado da rua, em um ponto onde a câmera externa não os visse. Eles até tentaram interagir para afastar um pouco do nervosismo, mas Irina parecia não prestar atenção em nada que não fosse a missão. Al'dradek conferiu se sua cópia do pendrive estava ali. Cada um do trio levava um Rubber Ducky, como forma de contingência. De repente, eles ouviram um barulho, vindo lá de dentro e, em seguida, todas as luzes do edifício se apagaram. Correram para entrada e, enquanto Al'dradek levantava o portão, Irina deslizava por debaixo. Em instantes os dois já estava dentro do prédio, correndo para a área de

carga e descarga. Ali havia alguns caminhões, provavelmente carregados com cosméticos. Al'dradek se pegou pensando que, apesar de saber da existência daquele lugar, nunca tinha visto aquela parte do prédio em quase cinco anos trabalhando ali. Seu trabalho, como praticamente todos os outros existentes ali, era apenas um pequeno fragmento numa enorme engrenagem. Seus devaneios foram interrompidos quando chamado por Irina:

— Al, onde será que o Fubi se meteu?

— Ele sabe muito bem o que tem que fazer, Irina — respondeu Al'dradek.

— Sim, mas ele deveria encontrar com a gente aqui para subirmos juntos, não era esse o combinado? — retrucou Irina, com um misto de preocupação e irritação na voz.

— Ele é pequeno mas não é criança, ok? Ele vai encontrar com a gente — falou Al'dradek.

Os dois se apressaram por entre os caminhões e as caixas. Havia algumas câmeras no local, mas duas coisas tranquilizavam os invasores: eles estavam com fantasias e, por incrível que pudesse parecer, até hoje as câmeras de segurança tinham uma resolução patética, embora alguns celulares fossem capazes de fotografar a lua com nitidez.

Quando entraram na porta que dava para o lobby, viram Fubi esperando em frente a um dos elevadores.

— A sorte de vocês é que eu não alcanço os botões — disse Fubi, dando um sorriso.

— Seu problema é que você acha que tudo é brincadeira, Fubi — replicou Irina.

— Agora que a mãe já encontrou o filho, podemos parar com a discussão e subirmos as escadas? — pediu Al'dradek, apontando para o painel de botões apagado.<sup>xi</sup>

Irina foi na frente, empurrando Al'dradek com os ombros e Fubi com o joelho. Ela não gostava de brincadeiras envolvendo o assunto maternidade, mas quando em vez alguém acabava a provocando, ainda que sem querer.

A subida até o terceiro andar era tranquila. Não havia câmeras naquela região, e a única luz disponível era proveniente das lâmpadas de emergência, o que dava cobertura para os três. Irina levou a mão à cintura para conferir se seu taser e

seu bastão retrátil estavam ali. Somente os marçais tinham permissão legal para portarem armas, fossem essas de fogo ou brancas. Ao monopolizar a posse de armas, alegando que as pessoas ficariam mais seguras, a Regência conseguira se promover como a única provedora de segurança, ou seja, qualquer um que possuísse uma arma, ou era um marçal, ou era um fora da lei.

Ao chegarem no andar, os três se apressaram pelo lobby que dava acesso ao corredor principal. De acordo com a planta, a sala era a terceira a esquerda.

— Alguém vai ficar aqui fora? — perguntou Al’dradek.

— Acho melhor entrarmos e eu fico na porta, vigiando se aparece alguém — respondeu Irina.

— O Dadisi disse que o programa demora entre cinco e dez minutos para completar o processo, mas isso ia depender muito da máquina — apontou Fubi.

— Ou seja, se esse troço não funcionar a tempo, podemos ser pegos antes mesmo de conseguirmos sair do prédio — disse Irina.

Com o cartão que conseguira do vigia, Al’dradek abriu a porta e deixou que os outros dois entrassem antes de fechá-la. Fubi foi direto no computador central e plugou o dispositivo. Apesar de parecer um pendrive, aquele mecanismo era capaz de dar acesso a sistemas com alta segurança. A Cosmo contava com um serviço de proteção virtual extremamente eficaz, então a única maneira encontrada pela guilda de extrair as informações necessárias era criando uma brecha, somente possível por via física. Quando contactado pela primeira vez, Al’dradek quis saber mais sobre quais informações seriam roubadas, mas após alguns segundos ouvindo algo como “enfraquecimento de monopólio” e “espionagem industrial”, ele desistiu de tentar entender e resolveu focar apenas no pagamento.

— Tomara que todo esse risco compense — disse Al’dradek.

— Já está em trinta por cento — exclamou Fubi, com certa euforia.

— Só trinta por cento? — questionou Irina, com a voz desapontada.

Fubi aproveitou o tempo em que o dispositivo carregava para dar uma rápida olhada pelas janelas. Ele reparou que havia jardins na entrada principal. Notou também que havia uma construção de uns três andares, aparentemente abandonada ali perto. Enquanto isso, Al’dradek olhava para a tela do computador, na apertando os olhos, como se tal gesto ajudasse a entender melhor o que se passava dentro da máquina.

— Quarenta e dois por cento — disse Al'dradek.

— Não é possível! — exclamou Irina.

— Gente, calma, ainda temos tempo — disse Fubi.

Quando o processo chegou a pouco mais de sessenta por cento, Al'dradek teve a bizarra impressão de ter visto uma pasta com seu nome em meio aos diversos arquivos que eram transmitidos entre computador e dispositivo, mas seu espanto foi interrompido quando o sistema de iluminação foi restaurado.

— Que porra é essa? — disse Irina, agora com um misto de desespero na voz.

— O sistema leva até vinte e cinco minutos para ser restaurado. Talvez, para nosso azar, dessa vez ele esteja mais eficiente — respondeu Fubi.

— E agora? Esse troço ainda não chegou aos oitenta por cento — indagou Al'dradek.

— Vamos manter tudo como está. Vou ficar aqui vigiando e, assim que chegar nos cem por cento, a gente pega essa porcaria e some daqui — disse Irina, levando a mão à cintura, na altura de onde ficava seu bastão retrátil.

— O problema que o sistema de câmeras já deve ter sido ativado a essa hora. Se o vigia da guarita sul nos ver aqui, vai acionar os marçais. Aí já era... — disse Fubi.

— Irina, me empresta seu bastão — pediu Al'dradek.

Irina jogou o bastão, ainda fechado, para Al'dradek. Num impulso, ele pegou a arma, abriu, subiu numa cadeira e destruiu a câmera da sala.

— Pronto! — disse Al'dradek, aliviado.

— Bom, se não nos viram aqui antes, agora com certeza vão ouvir — brincou Fubi.

Quando Irina ia pedir para que Al'dradek lhe devolvesse o bastão, ouviu o elevador do andar abrindo.

— Tem alguém vindo. Pode ser o vigia comprado, pode ser o vigia que não sabe de nada, ou podem ser os marçais.

— Ainda não podemos sair. O processo está em noventa e três por cento — disse Fubi.

— Irina, fecha a porta e vamos ficar abaixados atrás de alguma mesa dessas — disse Al'dradek.

Irina parecia não ouvir o que Al'dradek falara. Ela encostou a porta lentamente, posicionando-se atrás dela. Antes, porém, teve o cuidado de apagar as luzes da sala. Levantou o lenço que estava em seu pescoço, de maneira a cobrir parte do rosto, tirou o taser da cintura e se abaixou, aguardando para agir. Al'dradek ainda tentou chamar por ela, sussurrando, mas ela parecia alheia.

Al'dradek segurou com força o bastão. Não queria ter que machucar ninguém – nem ser machucado, claro –, mas precisava fazer o que fosse necessário para sair dali e terminar o trabalho. Procurou por Fubi pela sala, mas sabia que dificilmente conseguiria enxergar ele dali. Os floresienses, além de pequenos, pareciam nascer com um talento para se esconderem, fosse em cavernas, em florestas, em meio a multidões ou até mesmo, dentro de uma sala.

Ouviram um clique na porta. Alguém acabara de usar um cartão de acesso. Isso só podia significar que era o vigia da guarita sul que tinha subido, já que eles estavam com o cartão do outro guarda.

De onde Al'dradek estava era possível ver Irina. Ela parecia uma cobra, pronta para dar o bote. Ele também conseguia ver o homem que entrava pela porta. Quase ao mesmo tempo em que começava a distinguir os contornos do corpo do guarda, pôde identificar uma arma de fogo em suas mãos. Pouquíssimas empresas tinham autorização para usar vigilantes armados. A Cosmo, sem espanto, era uma dessas empresas. Ele precisava avisar Irina que o vigia estava armado, mas não tinha como falar com ela. Ainda que ela olhasse para ele, não seria possível comunicar nada em meio às sombras da sala.

Al'dradek tentou avistar Fubi mais uma vez, em vão. Seus olhos ainda chegaram a ver Irina, levantando-se, sorrateira, mas o som do metal contra o osso e um guincho de dor levaram suas atenções para a porta. Nesse momento, o corpo do guarda caiu no chão da sala, desacordado. Irina abriu a porta para verificar se era o outro guarda, mas foi surpreendida pela visão de uma outra mulher, uma sapiens, que segurava um bastão retrátil e acenava para eles.

— Vocês precisam sair daqui agora! — exclamou a desconhecida.

— Quem é você? — perguntou Irina, sem largar o taser.

— Posso explicar tudo para vocês depois, mas agora a gente precisa ir embora. A exfiltração já foi feita? — perguntou a mulher.

Enquanto Al'dradek também se aproximava da mulher – que era do seu tamanho, com a pele clara e olhos lembravam o âmbar –, Fubi conferia se o processo estava completo, enquanto retirava o dispositivo do computador.

— Pronto! — disse Fubi, animado.

— Ei! Esperem aí! Eu não vou sair daqui com uma desconhecida — contestou Irina.

A desconhecida então respirou fundo, como se entediada pelas indagações de Irina, e disse:

— Olha, meu nome é L'ayla e eu fui chamada pela guilda, assim como vocês, para dar suporte nesse trabalho. A diferença é que eu só seria acionada em último caso. No caso, nós já estamos no último caso. Alguém denunciou vocês e, se não sairmos daqui agora, dentro de alguns minutos esse prédio vai estar cercado de marçais.

— Mas como a gente não foi avisado de nada? — Al'dradek perguntou.

— Parece que o vazamento da informação aconteceu há pouco tempo, não dava para a guilda contactar vocês — respondeu Layla.

— Isso tá muito estranho! Como assim não somos informados de nada? — questionou Irina.

— O que vocês queriam? Que ao lado do “você está feliz, cidadão?” nos outdoors da cidade viesse uma mensagem da guilda, dizendo “cuidado, vocês foram comprometidos e L'ayla está indo ajudar”? — ironizou L'ayla.

— Gente, a mulher acabou de derrubar um guarda que, com certeza, ia atirar na gente — disse Fubi, apontando para a arma ao lado do corpo —, então vamos dar o fora daqui e depois a gente esclarece melhor o que aconteceu.

Aproveitando a indicação de Fubi, Irina pegou a arma do guarda desmaiado, colocou na cintura, ajeitou o taser do outro lado do quadril – tudo isso sem tirar os olhos de L'ayla, que parecia cada vez mais impaciente – e disse:

— Al, pode ficar com o bastão. Vamos embora. E você — falou encarando L'ayla — vai precisar nos explicar direitinho o que aconteceu depois.

Os quatro avançaram pelo corredor e, antes de saírem do lobby, Fubi saltou e apertou o botão que chamava os elevadores. Os outros três se olharam com uma expressão de questionamento, mas continuaram a descer. Quando começariam a descer as escadas do segundo para o primeiro andar, ouviram o som de passos lá



embaixo, seguidos de sons de comunicadores: “o vigia falou que eles estão no terceiro andar”.

— Pessoal, olha só — instruiu Fubi —, entrem aqui no segundo andar. Continuem pelo corredor até acharem a cantina. É a porta que está exatamente de frente para o corredor. Lá vocês saem em uma sacada. Ela dá de frente para um jardim, bem denso, ou seja, vocês podem saltar de lá e já estarão praticamente na rua.

— Mas e você? — perguntou Irina.

— Eu vou sair por outro lugar — respondeu Fubi, subindo correndo as escadas de volta para o terceiro andar.

Irina tentou falar algo com ele, mas os passos estavam cada vez mais próximos e todos os outros já estavam se dirigindo para o interior do andar. Como indicado por Fubi, de fato a cantina dava para uma sacada, que por sua vez dava para um grande jardim. Um a um, eles saltaram em direção ao horto e correram para o muro que dava para rua. Al'dradek, já de costas para o muro, ofereceu apoio para que as outras duas pudessem subir. Irina usou a ajuda extra para transpor aquela barreira, mas L'ayla saltou sem usar o apoio e, em dois tempos, já estava no passeio do lado de fora do prédio. “Exibida”, pensou, um pouco desapontado com a atitude da mulher.

Ao pular também o muro, Al'dradek percebeu que as duas rumavam para o outro lado da rua.

— Deve ter marçais por todo o perímetro, como fazemos agora? — perguntou Al'dradek ao alcançá-las.

— Eu deixei um carro aqui na frente — respondeu L'ayla. — Vamos usá-lo para sair do centro.

Os três correram em direção ao carro. Ao entrarem, Irina, que se sentou no banco de trás, aproveitou para dar uma rápida conferida em seus pertences. O taser estava em sua mão e, na sua cintura, estava a arma do vigia, mas o pendrive havia sumido. Ele deveria ter caído de seu bolso quando ela saltou pelo muro. Ou enquanto corriam por entre os corredores do prédio.

— Vamos direto para o Paraíso — disse Al'dradek.

Ele imaginava quantas piadas Fubi não iria fazer com essa frase. Sabia que o trabalho era importante, mas não conseguia esconder a preocupação com o pequeno.

— Acho mais seguro irmos para o setor industrial — disse L'ayla.

— Eu acho melhor você fazer exatamente o que o Al tá falando! — exclamou Irina, encostando o taser no pescoço da sapiens.

— Ei! Ei! Calma, gente! — gritou Al'dradek.

Assim que L'ayla ligou o carro, sirenes dobravam a esquina da rua onde estavam.

— Vão bora! Vão bora! — Irina gritou, pressionando o taser no pescoço da outra mulher.

Quando arrancaram, duas viaturas já quase encostavam no carro. Parecia que L'ayla tinha algum treinamento nesse tipo de situação, pois dificilmente alguém conseguiria se desvencilhar dos obstáculos – passeio, foliões, placas de obra – como ela conseguira. Como era feriado, diversas ruas estavam fechadas, por placas, cavaletes e sinais, ou por blocos cheios de foliões, o que fez com que eles tivessem que dar voltas e voltas até conseguirem pegar a avenida principal que ligava o centro ao bairro Paraíso. Ao entrarem na rua, perceberam que, mais à frente, uma multidão chegava por entre uma das ruas perpendiculares.

— Como vamos fazer? — indagou Al'dradek. — Se a gente continuar, vamos atropelar aquele bloco que vem ali.

— Tá tudo bem — disse L'ayla, respirando fundo e acelerando ainda mais o carro.

Durante algum tempo depois Al'dradek se perguntou se aquele “tudo bem” dizia respeito ao fato de atropelar pessoas ou ao fato de que, no final, daria tudo certo.

O bloco não só era grande, como trazia a barca dos mortos consigo: uma enorme estrutura de madeira, apoiada em um caminhão que, lentamente, transitava pelas ruas mais largas da cidade. Havia uma grande chance de não conseguirem passar pelo bloco antes desse ganhar a avenida, mas ainda assim L'ayla arriscou. Pela velocidade que estavam, qualquer um que fosse atingido pelo veículo morreria na hora.

— Você é louca? — Irina exclamou, tirando o taser lentamente do pescoço de L'ayla e se segurando no banco.

— Vai dar certo — respondeu L'ayla, acelerando ainda mais.

Al'dradek também se segurou no banco. Ele não acreditava que eles conseguiriam.

Como previsto por L'ayla, eles conseguiram passar, mas por muito pouco não atropelaram pessoas do bloco – Al'dradek ouviu a gritaria e os palavrões que as pessoas proferiram naquele curto instante em que passaram ali. Os carros dos marçais que estavam logo atrás frearam. Resolveram não arriscar a passagem.

Após mais algum tempo de desvios das rotas principais, tiveram que deixar o carro na entrada da comunidade.

— Tem tempo que nenhum veículo consegue entrar aqui — notou Irina. — A prefeitura promete arrumar o bairro todo ano, mas nunca cumpre.

— Pelo menos ainda recolhem o lixo produzido pela comunidade — disse L'ayla, ao passarem por enormes cestas de detritos que estavam ali, bem na entrada do bairro.

Como várias comunidades da região, Paraíso era mais um daqueles bairros que nascem e crescem sem qualquer planejamento. Além de esburacadas e lamacentas em várias partes, as ruas eram muito pequenas, o que impedia que veículos transitassem por lá. No muro atrás das cestas de lixo, havia uma placa dizendo “deposite aqui o seu lixo”, entretanto a palavra “lixo” estava riscada e, por cima, a palavra “sonho” havia sido escrita.

Quando os três passavam pelas últimas cestas, Irina disse:

— Ei, esperem. Temos que aguardar o Fubi. Ele que está com o pendrive, não é?

De repente, de dentro de uma das cestas, ouviu-se uma voz, parecida com a de uma criança tentando imitar um adulto que fala grosso: “não se desespere, ó Irina, pois a ajuda já chegou”. Com um salto, Fubi saiu de dentro de um dos latões. Ele estava sem a fantasia, muito sujo e fedendo a lixo.

— Como você conseguiu chegar aqui antes da gente? — Pergunto Al'dradek.

— Bom, primeiro eu fui até o terceiro andar e saltei para um prédio abandonado ali ao lado. Saí e fui me esgueirando pela multidão, deixando partes da fantasia aqui e ali. Aí, eu deixei cair o pendrive que peguei emprestado com a Irina

— Fubi olhou para Irina, com um risinho malicioso —, o que deve ter deixado os marçais confusos, já que depois disso, eles pararam de me perseguir. Para ter certeza de que não iriam me pegar, eu vim de carona com o caminhão de lixo que passou aqui pela entrada há pouco e...

— Muito legal sua história, Fubi, mas precisamos correr — interrompeu Irina.

Os quatro rumaram para o endereço de Shauri, contato que receberia o pendrive. Porém, ao chegarem na esquina de sua casa, foram abordados por um menino, um sapiens, que lhes perguntou:

— Tão procurando o Shauri?

— Estamos sim — disse Al'dradek.

— Ele pediu pra entregar isso pra quem viesse aqui atrás dele — disse o menino, entregando um bilhete para Al'dradek.

— “Todos os meus contatos estão comprometidos aqui. Se precisarem de mim, estarei em Bab'el” — leu Al'dradek, com a voz desanimada.

— E agora? — perguntou L'ayla.

— Agora que se quisermos receber, temos que ir atrás dele — disse Fubi.

— Mas Bab'el fica na costa. É muito longe daqui — protestou L'ayla.

— Dá umas dez horas de viagem, passando pelo acesso alternativo, se não pararmos — completou Irina. — Inclusive, você vai poder nos contar melhor como é que foi contactada para esse trabalho e ninguém aqui ficou sabendo.

— Acho que Bab'el é nossa única chance agora — disse Al'dradek. — De qualquer forma, já estamos ferrados. A diferença é que em Bab'el, além de conseguirmos finalizar o trabalho entregando o pendrive para Shauri, ganharemos mais tempo para pensar em como podemos nos esconder dos marçais. Lembrem-se que em Bab'el a Regência tem sua atuação bem reduzida.

— Você sabe que aquilo lá é um covil de ladrões, né? — disse L'ayla.

— Então estaremos em casa! — brincou Fubi.

— L'ayla, tem combustível naquele seu carro? — perguntou Irina.

— Acho que conseguimos sair da cidade, pelo menos — respondeu L'ayla.

— Parece, então, que faremos uma longa viagem — disse Fubi, com os olhos brilhando de animação.

Os quatro correram para o carro e seguiram em direção à saída mais próxima da cidade. Como era feriado, os marçais teriam alguma dificuldade para organizarem uma força-tarefa para perseguir o grupo.

Ao deixarem os limites de Negara III, ainda era possível sentir o cheiro da terra recém molhada e, embora isso trouxesse nostalgia e boas lembranças para alguns, o que muitos não sabiam era que esse aroma era um composto químico, liberado pelas bactérias antes mesmo do início da chuva, com o propósito de exterminar concorrentes que retardam o desenvolvimento da comunidade microbiana local.

Bela e complexa, a vida se mostrava uma disputa constante, mesmo em níveis imperceptíveis. Nos mais improváveis lugares, uma guerra secreta era travada, e o objetivo era sempre um só: a sobrevivência.<sup>xii</sup>

## THEORY AND/IN PROCESS: NOTES ON THE PRODUCTION OF A SPECULATIVE FICTION

### ABSTRACT

This paper aims to show the process of construction of a novel-thesis: a fictional work that dialogues both with the academic public, used to a certain type of text format, and with a wider audience, for whom fiction comes in first place. This text is an excerpt of the research carried out within the scope of the Graduate Program in Literary Studies at the Federal University of Juiz de Fora. It is a project included in the recent *Creative Writing* line of research, from which we think of a theory constructed through the genre of speculative fiction. We try to show here how the advisor-advisee dialogue is (or can be) conceived, in order to produce a text that meets extra-fictional and extra-academic expectations, that is, it can be read both as a novel and as a doctoral thesis, without becoming a *conventio ad excludendum*, that is, without engendering hermeticism that deprive the dialogue between the academic and the non-academic public.

Keywords: Literary theory. Speculative fiction. Paleoanthropology. Creative writing. Performance.

## REFERÊNCIAS

AGNOLON, Alexandre. **A festa de Saturno**. São Paulo: Edusp, 2017.

BRANDÃO, J. S. **Dicionário mítico-etimológico**. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Mitologia grega vol. 1**. Petrópolis: Vozes, 1990.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. Trad. de Davi Arrigucci Jr. e João Alexandre Barbosa. 2 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GIBBONS, Anne. Becoming human: in search of the first hominids. **Science**, n. 295, p. 1214-1219, fevereiro de 2002. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/295/5558/1214>. Acesso em: 10 nov. 2018.

KUHLWILM, M.; GRONAU, I.; HUBISZ, M. J.; DE FILIPPO, C.; PRADO-MARTINEZ, J.; KIRCHER, M.,. Ancient gene flow from early modern humans into Eastern Neanderthals. **Nature**. v. 000, p. 1-17, 2016. Disponível em <https://www.nature.com/articles/nature16544>. Acesso em 06 set. 2018.

LODGE, David. **A arte da ficção**. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2017.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.

NASCIMENTO, Esdras do. **Variante Gotemburgo**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1977.

PAZ, Octavio. **El fuego de cada día**. Barcelona: Seix Barral, 1989.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein**. Trad. Márcia Xavier de Brito e Carlos Primati. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.

SLON, V.; MAFESSONI, F.; VERNOT, B. The genome of the offspring of a Neanderthal mother and a Denisovan father. **Nature**. v. 561, p. 113-124, setembro de 2018. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-018-0455-x>. Acesso em 06 set. 2018.

<sup>i</sup> T.H.L.: Pensando que “a história da literatura é uma história de ladrões” (COELHO e GASPAR, p. 171), esse preâmbulo do meu romance é uma apropriação que faço da abertura do romance *O hobbit*, de J. R. R. Tolkien (“numa toca no chão vivia um hobbit”).

Embora seja aqui difícil mapear meu primeiro contato com o fazer fantástico – principalmente com relação à recepção desse –, foi através da obra de Tolkien que desenvolvi gosto pela produção de histórias, fosse por seus livros que li vorazmente, ou pelas longas sessões de RPG, jogo que nasceu com base na obra do filólogo inglês.

Penso, também, que aqui acabo por fazer um pequeno pastiche, nos termos de Massaud Moisés, para quem o esse “[...] pode ser movido por intuito crítico ou satírico [...]” (2013, p. 353). A bem da verdade, creio que ao longo da obra encontrarei muitos outros pastiches crítico-satíricos, já que o romance, cujo título tentativo é *Vidva: uma distopia ambígua*, intenta ser uma outra história para as espécies humanas. Com o que já existe de desenvolvido do romance, ou pelo menos arquitetado, muitas narrativas que conhecemos através apenas das lentes do *homo sapiens* terão, em larga medida, a participação de outras espécies. Em última análise, minha questão aqui é deslocar os problemas “intraespecíficos” que temos hoje para um contexto “interespecífico”.

<sup>ii</sup> T. H. L.: Na introdução à edição de 1831 de seu *Frankenstein*, Mary Shelley, que é tida por muitos como a criadora do que conhecemos hoje como Ficção Científica escreve que “inventar, deve-se admitir humildemente, não consiste em criar algo do nada, mas sim do caos” (2017 [1831], p. 27, grifo nosso). Por sua vez, a palavra grega *Chaos* (Χάος) está etimologicamente ligada a ideia de *Chasma*, “personificação do vazio primordial, anterior à criação e ao estabelecimento da ordem” (BRANDÃO, 1991, p. 182, grifo nosso). Para além do sentido corrente que a palavra “caos” assume, nomeio esse primeiro capítulo assim pois ele é o marco zero da minha história e, por isso, ele é o espaço necessário para o desenvolver de tudo aquilo que será apresentado naquele mundo. Chamo a atenção também para a primeira sentença do capítulo, que diz que uma “cumulonimbus” se aproxima da cidade. Além da tentativa de ambientação (as nuvens cumulonimbus são frequentes, por exemplo, no verão brasileiro, onde se tem uma chuva forte, pesada, porém passageira), intento dialogar aqui com o “estado pré-cósmico” das coisas. A água é símbolo “[...] do amorfo e do virtual, de tudo que ainda não tem uma ‘forma’” (ELIADE, 1992, p. 29). Como em uma reencenação da cosmogonia, aqui também a água precede a sequência de eventos que darão forma à história que será contada.

<sup>iii</sup> T. H. L.: *Negara*, ou o Estado balinês tradicional, é uma palavra que vem do sânscrito e significa “cidade”, “palácio”, “capital”, “Estado”, “reino” e “civilização”. A utilização do nome dentro de meu romance se deu quando li a interpretação que Clifford Geertz faz acerca da teatralidade do estado balinês e da dimensão simbólica do poder. A estrutura do Estado dentro da narrativa que crio é a de que, em algum momento do passado, guerras e desavenças ameaçavam a sobrevivência das diferentes espécies humanas e, para tentar aplacar essas diferenças, uma aliança foi feita entre alguns grupos de espécies distintas e, com o tempo, essa aliança se tornou hegemônica e ganhou o nome de Regência. As *Negaras* são os centros civilizados, murados, controlados por essa instituição. O número atribuído a cada uma varia de acordo com seu grau de desenvolvimento, sendo que a

Negara III seria a menos desenvolvida, enquanto uma Negara I teria traços notáveis de modernização, como ampla e planejada malha viária, crescimento urbano dentro das possibilidades de planejamento, maior segurança etc.

Há, contudo, povos que vivem fora dessas regiões muradas, na *Desa*, que seria o oposto da Negara. Esses grupos são, em sua maioria, nômades que acabaram por se adaptar ao deserto, às montanhas ou às cavernas, o que os torna marginais dentro de um sistema que capitula a própria noção de civilização no interior de cidades muradas.

<sup>iv</sup> T. H. L.: Quando pensei na ação que abriria o romance – o furto dos dados na empresa Cosmo –, eu queria que a operação se desse em meio a algum festival, algum jogo unificador, enfim, algo grande o suficiente para tirar as atenções do cotidiano da cidade, o que justificaria e até facilitaria uma incursão por um lugar vigiado. Depois de ventilar algumas possibilidades, cheguei à Tétrica, um festival que, de acordo com a tradição desse cenário, celebra o fim e o início do ano, agregando ali os festejos de Natal, Réveillon e também do Carnaval, a partir da ótica cristã, ocidental e brasileira, respectivamente. A Tétrica tem como base as Saturnais, que eram “festas em honra de Saturno, celebradas, em seu auge, de 17 a 23 de dezembro” (AGNOLON, 2017, p. 108). Coincidentemente, essa festa também dialoga com a questão do *Caos*, pois além de trazer para o imaginário do leitor a aparente desorganização que se dá nesses dias de festival (pensemos no carnaval e em sua dinâmica, *a priori*, sem diretrizes), a intenção de sua inserção na obra tem a função de

[...] uma espécie de “fim do mundo”. A extinção dos fogos, o regresso das almas dos mortos, a confusão social do tipo das Saturnais, a licença erótica, as orgias etc. simbolizavam a regressão do Cosmos ao Caos. No último dia do ano, o Universo dissolvia-se nas Águas primordiais. [...] O Mundo que tinha existido durante um ano inteiro desaparecia realmente (ELIADE, 1992, p.43, grifo nosso).

Aqui, especificamente, Mircea Eliade está dando um exemplo de reatualização da cosmogonia, ou seja, essa seria a função religiosa e espiritual do Ano Novo.

Uma outra faceta da Tétrica em *Vidva*, nome é a de que essa, a despeito de toda a aparente desordem, legítima, paradoxalmente, o *status quo*, que atuaria como uma espécie de alívio das tensões sociais (AGNOLON, 2017, p. 119-110).

Do ponto de vista religioso (na religiosidade da ficção), a Tétrica se explica através de breve narrativa: das pessoas que vivem dentro do território da Regência – murado ou não – que professam alguma fé, a maioria crê na Trindade, composta pelo Pai Provedor (também chamado de Pai Caçador por alguns povos da *Desa* que compartilham os mesmos mitos), da Mãe Telúrica e do Filho Imolado. A mitologia conta que, no início dos tempos, os espíritos voltavam para terra, inconformados, cobrando algum tipo de justiça por suas mortes. Entretanto, como muitas mortes não eram explicáveis (ou qual é o preço da morte?), vivos e mortos guerreavam constantemente, até o dia em que uma criança foi oferecida para pagar pelas faltas daqueles que vivem, em troca de paz. Desde então, os espíritos foram embora e o equilíbrio entre vivos e mortos é mantido.



Portanto, o que a Tétrica faz é reencenar essa passagem do mito: em meio a festa, uma barca com várias pessoas mascaradas entra na cidade, simbolizando a barca que carrega os mortos pelo mundo espiritual, mesclando vivos e mortos até que a festa termine, que um novo ano comece e que o equilíbrio possa ser novamente mantido.

<sup>v</sup> T. H. L.: Parece-me oportuno também tecer alguns comentários acerca dos nomes das personagens. Primeiramente, há Al'dradek, até aqui pensado como o protagonista da história. Há similaridade gráfica com o nome Odradek, presente em “A preocupação do pai de família”, de Kafka, pois em minha leitura, tanto a figura kafkaesca quanto meu personagem carregam o signo da hibridez. Entretanto, enquanto aquele é todo símbolo, esse é também um humano, como nós, e sua existência – ou os problemas advindos dessa – ultrapassa em muito questões meramente biológicas ou genéticas, assim como também ultrapassa o discurso puramente simbólico e filosófico. Há uma modificação óbvia na grafia, devida à região onde a história se passa: assim como o berço da humanidade do mundo real, o continente africano também é palco para o enredo de *Vidva*. Embora alguns nomes de regiões possam ser trocados, o que tenho em mente quando escrevo a história, em termos geográficos, é a África, mais especificamente, sua porção oriental, compreendendo Quênia, Nigéria, Tanzânia e sua costa. Aliás, muitos nomes, como Fubi, Shauri e Dadisi são retirados da língua Suaíle, uma das mais faladas na região supracitada. Além de Al'dradek, outros dois nomes que escapam à fonte Suaíle são Irina e L'ayla. Dentro da história, Irina é uma denisovana. Apesar de não constarem oficialmente na lista de espécies humanas (ainda falta um ‘tipo nomenclatural’ para eles, ou seja, um fóssil suficientemente completo para futuras comparações), os denisovanos têm sido documentados em toda região da Sibéria e o nome “Irina” significa “a pacificadora”. Fiz isso pensando em dar certa coerência linguística para a história, ao mesmo tempo em que os nomes fossem adequados aos papéis desempenhados pelas personagens. Por sua vez, L'ayla, uma sapiens, tem seu nome retirado do livro *Ayla, a filha das cavernas* (1980), da escritora americana Jean Auel, o primeiro romance (talvez o único) a tratar da convivência do homo sapiens com neandertais, sem fazer com que esses parecessem trogloditas sem qualquer traquejo humano. O uso do apóstrofe, além de encerrar um aspecto linguístico condizente com as línguas bantu faladas na África, guarda questões que serão de suma importância para o enredo do romance.

<sup>vi</sup> A. F.: Quatro parágrafos descritivos antecedem a introdução da personagem e da ação. “Quando um romance começa?” (LODGE, 2017, p. 14). Algo pouco Kafkiano, se pensarmos na motivação do nome da personagem.. Eu colocaria o início de a *Metamorfose* entre os exemplos de Lodge. No Brasil, o início de *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro.

<sup>vii</sup> A. F.: Eu teria suprimido marca de parágrafo nesse índice lá em cima. Não me parece relevante para o modelo de narrativa. Pensa se o deixa no início ou no fim do parágrafo.

<sup>viii</sup> T. H. L.: Fragmento retirado do poema “hablo de la ciudad”, de Octavio Paz, presente na compilação *El fuego de cada día* (1989).

---

<sup>ix</sup> A. F.: Essa sintaxe é estranha à narrativa. Penso que tudo deve fluir na ação. Quanto menos elementos indicarem hesitação do narrador, melhor.

<sup>x</sup> A. F.: Gosto dos cachorros aparecendo como índice de alguma coisa que ainda não se sabe sobre o lugar.

<sup>xi</sup> A.F.: Não entendo por que a hesitação e os comentários particulares em meio à ação. Fica meio caricato. Tipo filme de adolescente. Isso será relevante para os personagens? Suas personalidades já estão se evidenciando pela narrativa. Essa referência à maternidade, que é uma questão para Irina, pode ser incluída de outra forma. O que acha?

<sup>xii</sup> A.F.: Belo início de história. Indica uma aventura que vai se iniciar, com perseguições e perigos. Os personagens estão bem delineados e, mesmo sem a apresentação inicial, o leitor será capaz de imaginar que pertencem a espécies ou, pelo menos, raças diferentes. O protagonista é o AI, um híbrido, isso é uma escolha importante, mas ele demonstra inteligência limitada, o que pode trazer dificuldades para o desenvolvimento. Tem que ter cuidado com os diálogos para não virarem muletas explicativas. Gosto do final do capítulo, da maneira reflexiva como acaba, dá o link para o capítulo “de mapeamento” seguinte. Mas não sei. É testar.